

## EDITORIAL

A capa desta edição visa, dentre outras possibilidades, expressar o caminho que se faz no caminhar, a estrada árdua que precisamos percorrer, mas também o necessário horizonte que nos mobiliza a seguir o nosso rumo. Todas essas imagens provocadas pela foto do nosso editor, prof. Marcelo Faria, faz referência ao momento que o Brasil e o povo brasileiro vem vivendo. Trata-se de um momento difícil, cheio de percalços e o que parece ser pior, um momento de desesperança. É quase como se tivéssemos em uma longa e laboriosa estrada, numa caminhada exaustiva e sem enxergar horizontes. Isso sem dúvidas beira ao desespero. Parece que é um pouco assim que cada (ou ao mesmo uma boa parte) brasileiro se sente. Em momentos tenebrosos como esses é comum nos depararmos numa encruzilhada: numa direção nos leva ao cinismo, pois, como um mecanismo de defesa, tendemos a agir cinicamente quase como aquele ditado que diz “meu pirão primeiro”; noutra direção há o poço sem fundo da depressão. Certamente essa encruzilhada não leva a lugar algum. Mas voltando para a foto apresentada na capa desta edição, e para além dessa encruzilhada descrita, há horizontes. E é sobre isso que precisamos recuperar, ou seja, a capacidade de criar e ver horizontes. Precisamos crer para ver. E isso não tem nada a ver com uma crença simplesmente contemplativa, mas sim com aquilo que Paulo Freire chamava de “esperançar”. Isto significa que o “crer para ver” se faz na ação, na ação cotidiana para construir o “inédito viável” (para usar outra sacada do Paulo Freire). Nem o cinismo, nem a depressão. Os caminhos não estão postos de modo fatídico. Os caminhos se fazem no caminhar e mesmo árdus e difíceis, quando se há horizontes, a vista ou em nossas vontades, chegamos além do que fora posto. Que sejamos brasileiros e saibamos caminhar!

*Marcelo Silva de Souza Ribeiro*

Editor Chefe da REVASF

**REVASF**, Petrolina-PE, vol. 7, n.14, Dez., 2017  
ISSN : 2177-8183